

A DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA E AS FROTAS MERCANTIS DO PORTO DE SALVADOR NO SÉCULO XVIII

Maria Patrícia da Silva Santos

Graduanda em História pela universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

E-mail: maria_paty25@hotmail.com¹

Palavras-chave: Devoção. Nossa Senhora. Frotas. Salvador.

O final da Idade Média é o período no qual se desenvolve, de maneira copiosa, a devoção a Nossa Senhora. Nesse período, a devoção a Cristo firma-se com maior fundamentação no evangelho e é este o momento de propagação das imagens. É perceptível o crescimento do número de Santuários e das capelas com titulações marianas que abrange grande parte do povo Cristão que passa a ter maior devoção a Maria, a virgem Mãe de Deus. Como resultado desta devoção, a titulação habitual de Santa Maria, utilizada ainda no século XV, vai sendo substituída pela qualificação de Nossa Senhora de caráter representativo fazendo analogia aos títulos de Cristo e de Maria. A devoção a Nossa Senhora não era algo que ficava restrito somente às igrejas e capelas, foram muitos os altares com a imagem de N. Senhora embarcados nos navios em frente dos quais, a tripulação se reunia dirigindo a N. Senhora preces desesperadas nos momentos de maior incerteza.

No século XVIII, tendo como base a documentação do Arquivo Histórico Ultramarino, torna-se bastante perceptível que era comum ancorar no Porto de Salvador navios de cargas batizados com nomes devocionais dedicados à Virgem Mãe de Deus, principalmente, com a titulação de Nossa Senhora.

Decerto, encontrar embarcações com nomes religiosos foi desde a trajetória histórica do mundo antigo e até mesmo no tempo moderno, algo muito comum. Deve ser considerado que era parte integrante de qualquer caravela que despontava de Portugal a África, à Índia ou para o Brasil, padres seculares e frades. Estes, sem dúvida, com suas manifestações religiosas, inspiravam aos tripulantes com as invocações aos Santos, á Santíssima Trindade, ao Santíssimo Sacramento, e à virgem mãe de Deus, intitulada Nossa Senhora, com suas diversas denominações e ainda em alto mar eram celebradas as missas. E em meio às tempestades e naufrágios ou de acontecimentos maravilhosos nas embarcações, durante as viagens, era

¹ Bolsista Pic\Fapesb com pesquisa desenvolvida sob a Orientação da Prof. Dra. Avanete Pereira Sousa.

propagada a fé católica. Segundo Gonçalves Guimarães ([s.d]), em seu artigo sobre os nomes femininos dos veleiros da frota mercantil da cidade do Porto no período Constitucional:

O costume de dar nomes próprios às embarcações já vem de longe, nomeadamente o de lhes dar nomes femininos. Já no século II da nossa era fazia a rota entre Roma e Alexandria num grande navio de 1300 toneladas denominada *Isis*, a divindade egípcia que se tornou a deusa-mãe mediterrânica, cujos mistérios se relacionavam com a ressurreição e o além. Não será de se estranhar que os nomes mais antigos de navios portugueses conhecido, desde o final do século XIII, sejam os de Maria, sob a forma de Santa Maria (GUIMARÃES, [s.d.], p. 317).

E ainda:

Desde a segunda metade do século XVI e até o reinado de D. Maria I, quase todas as embarcações portuguesas ostentam nomes de santos e santas ou de Nossa Senhora sob as diversas invocações. Os perigos do mar e a religiosidade inegável dos mareantes e marinheiros levavam-nos a escolher um “padrinho” ou “madrinha” divinos para protegerem as embarcações, prática essa que, como vimos, tem pelo menos dezoito séculos, não sendo exclusiva dos povos cristãos (GUIMARÃES, [s.d.], p. 318).

Dessa maneira, não é de se admirar de que existisse no século XVIII, no Porto de Salvador embarcações com denominações provenientes de influência religiosa da Igreja Católica Apostólica Romana, que direcionava a fé dos homens da época fazendo-os optar por nomes religiosos ligados à Igreja para batizarem os navios ultramarinos; homenageando assim os santos e as santas cristãos, e a Virgem Maria, Mãe do Filho de Deus, em especial. A religiosidade dos homens das frotas mercantis era exteriorizada de diversas formas. As imagens de santos e de santas eram parte integrante de qualquer caravela que despontava de Portugal à África, à Índia ou ao Brasil. Nestas embarcações também iam padres seculares e frades que cuidavam da catequização da tripulação e bendiziam e rezavam missas diariamente. Além disso, incentivavam o processo de evangelização por meio de manifestações contemplativas que inspiravam aos tripulantes, a serem devotos e fazerem também, as invocações aos Santos, á Santíssima Trindade, ao Santíssimo Sacramento, e à virgem Maria, Mãe de Deus, intitulada Nossa Senhora, com seus diversos títulos.

Embora as embarcações envolvidas no comércio ultramarino na Bahia, no século XVIII, possuíssem uma variedade de nomes bastante curiosos desde: *O careta*, *Brilhante*, *Águia Lusitana*, *Aviso*, *Brigue Amizade*, *Europa*, até “*Princesa do Brasil*”, o que chama

bastante a atenção na documentação existente é a grande quantidade destas, dedicadas a Nossa Senhora.

São destaques do ano de 1756, por exemplo, invocações religiosas tais como: Santíssima Trindade Nossa Senhora do Livramento, N. Sra. do S. Sacramento e Paraíso; N. Sra do Bom Despacho; N. Senhora da Conceição e Santa Rita; N. Sra. da Assunção; Nossa Senhora Aparecida; N. Sra. da Conceição e São José; Nossa Senhora da Glória; Nossa Senhora da Conceição e Almas; N. Sra das Candeias Sto. Antonio; Nossa Senhora do Rosário; dentre outras.

Do ano de 1778, pode-se citar: N. Sra. do Santíssimo Sacramento; N. Sra. da Santíssima Trindade; N. Sra. e São Francisco de Paula; N. Senhora da Piedade; N. Sra do Loreto e S. José Viriato; N. Sra da Penha de França; Rainha de Nantes; N. Sra. da Boa Viagem; N. Sra. da Guia; N. Sra. da Ajuda; N. Sra. da Atalaia; N. Sra. do Livramento, N. Sra. do Carmo, N. Sra. da Mesquita; entre outras denominações referentes à virgem.

Durante as viagens, em meio às tempestades e naufrágios, ou diante de acontecimentos inexplicáveis, era propagada a Fé Católica, eram celebradas as missas e feitas às orações devocionais, nas quais fazer as invocações religiosas tornava-se algo bastante natural. Estes elementos podem explicar os motivos que levavam os marinheiros da época a dar nomes de santos às suas embarcações. Frente aos constantes perigos e aos momentos de angústia, era a Deus, por intermédio de Maria e de outros santos, que os navegantes entregavam sua salvação. As invocações de santos e outras divindades protetoras é o reflexo da vivência religiosa dos navegantes e do freqüente temor da incerteza de seu destino.

A grande ligação dos homens do mar à virgem Maria, posto significar o fervor religioso, explica porque o nome de N. Sra. é o mais vulgar nas frotas portuguesas para o ultramar. Esta dedicação à virgem está bem documentada nas crônicas que relatam episódios da expansão ultramarina portuguesa.

Ao levar mercadorias mar adentro, eram expostas as devoções religiosas daqueles homens que, no culto à Virgem Mãe de Deus, aos Santos católicos e é claro a Deus, que era o refúgio na hora das aflições e angústias enfrentadas nos naufrágios, temores, e perigos diversos, creditavam aos céus sua proteção no mar.

De acordo com Mauro (1989),

O culto é bastante intenso a bordo dos navios portugueses. À saída do porto é saudada por todos os sinos da cidade. Celebra-se missa todos os domingos e dias santos e, em honra de Nossa Senhora, todos os sábados. (...) Quando necessário, instalam-se altares portáteis. Dispara-se um canhão. (...) As

procissões têm lugar de noite ou de dia, e quando o mar está picado, há dois homens que seguram o padre para o impedir de cair. (...) (MAURO, 1989, p. 76).

Portanto, para os navegantes ter nos lábios e nas embarcações o nome da virgem era possuir refúgio e proteção, em momento de apuros, onde somente a religiosidade, no apego ao Divino lhes garantiria a segurança de se salvar, fosse de um naufrágio ou a alma do inferno caso as grandes adversidades marítimas lhes ocasionasse a morte. Nunca é demais ressaltar que a presença da invocação a N. Sra. como aos santos em geral, pode ser explicada em parte pela missão evangelizadora assumida pela Coroa portuguesa e, particularmente, pela ação dos “servidores de cristo” os jesuítas, os membros das ordens monásticas e o clero secular (SANTOS, 2008, p. 147).

Fontes

ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO DE LISBOA (AHU). Mapas de cargas de Embarcações. Bahia, 1796-1798.

Referências

ARRUDA, José Jobson de A. *O Brasil no comércio colonial*. São Paulo: Ática, 1980.

GUIMARÃES, J. A. Gonçalves. *Nomes femininos dos veleiros da frota mercantil do Porto no período constitucional*. Vila Nova de Gaia: Universidade Portucalense [s.d].

LAPA, José Roberto do Amaral. *A Bahia e a carreira da Índia*. São Paulo: Hucitec, 2000.

MAURO, Frédéric. *Portugal, o Brasil e o Atlântico: 1570-1670*. v. 1. Lisboa: Estampa, 1989. p. 59-123.

SANTOS, Beatriz Catão Cruz. Santos e devotos no império ultramarino português. *Religião e sociedade*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, p. 146-178, 2009.

SOUSA, Avanete Pereira. *Poder Local, cidade e atividades econômicas*. 2003. Tese Doutorado) – Universidade de São Paulo, USP, 2003.